

O TEXTO-CONSOLO-DE-VIÚVA: ESCREVER SEM “PÔR DE SI”¹

Claudia Rosa Riolfi²

Não há como se pôr de si sem perder algo; é o pior. Na medida em que se põe, não se tem mais. Aquilo que se fala não é mais segredo, e só o segredo é dócil ao teatro íntimo do narcisismo.

Jorge Forbes³

De uma paulada na moleira ao remelexo do angu...

O prezado leitor já teve a impressão de ter recebido, como o descreve o saber popular, uma “*paulada na moleira*” ao tomar contato com um evento que, ao menos à primeira vista, não lhe diz o mínimo respeito?

Aconteceu-me recentemente, no momento em que, sem meias palavras, um caso indubitável de “roubo” de produção intelectual caiu sobre minha escrivania. Eu explico: Roberta S. Gomes L. Cruz assinou e enviou para publicação no primeiro volume da revista *Falasser*⁴ um texto praticamente idêntico ao trabalho “*A estratégia do analista frente à depressão*” assinado por Maria Josefina Sota Fuentes que, em 04 de abril de 2000, circulou na lista *AMP – Veredas*.⁵

Esclareço inicialmente que, embora eu tenha optado por usar cruamente o termo “roubo” no parágrafo precedente, não é nem do campo da lei nem no da moral que me coloco para dar

¹ Agradeço à Emari Andrade de Jesus pela sua leitura atenta e pertinente.

² Psicanalista, doutora em lingüística e docente da Faculdade de Educação da Universidade em São Paulo. Pesquisadora do *Projeto Análise*. Contatos: riolfi@usp.br.

³ FORBES, Jorge. *Você quer o que deseja?* São Paulo: Editora Best Seller, 2005:181.

⁴ Trata-se da *Revista da Delegação da Paraíba da Escola Brasileira de Psicanálise*. Ano 1. Nº. 1, 2004. Pp. 143-148.

⁵ Julgo importante esclarecer que não conheço nenhum dos envolvidos pessoalmente nem tinha ouvido qualquer referência aos seus nomes antes do início da redação deste trabalho. Descobri, através da *plataforma lattes* (dispositivo de consulta do *Ministério da Ciência e Tecnologia*) que, no momento, Fuentes está redigindo a tese “O deprimido e a psicanálise” sob a orientação de Walkiria Helena Grant no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Não encontrei referências sobre Cruz.

início a este estudo,⁶ uma vez que meu passado me condena. Quando menina, cansada de tentar evitar que colegas colassem minhas provas escolares, ocorreu-me vender, para os mais insistentes, as respostas das questões espinhosas às quais o meu “comprador” se recusava a enfrentar através de seu trabalho.

Não me orgulho deste feito, mas, inspirando-me em sua lembrança, me pergunto se Josefina — que, como eu-menina, não pôde evitar que uma colega se apropriasse de seu esforço intelectual — não mereceria, ao menos, ser recompensada com algum tipo de substituto do dinheiro vivo que me foi pago pelos colegas covardes. Convoca-me ao trabalho, portanto, aquela mesma posição (romântica?) que assumi no início da adolescência: *Sim, todo amor é sagrado e o fruto do trabalho é mais que sagrado, meu amor...*⁷

Dizendo de outro modo: mesmo deixando de lado as questões jurídicas e morais envolvidas na ação daquele que furta o fruto do trabalho intelectual alheio, eis aí aquele “tudo menos isso” que eu esperava encontrar nas agremiações de psicanalistas. Não me chamo *Alice* nem moro no *País das Maravilhas*, mas, sinceramente, gostaria de preservar, ao menos um pouco, o ideal segundo o qual, entre pares que alegam se interessar pela psicanálise, deveria ser possível manter uma ética da psicanálise tal qual foi conceituada por Julien (1996): um esforço na direção de sustentar um “*difícil ateísmo*” que, permitindo “*deixar o Outro para lá*” possibilite *bem-dizer*, isto é, uma arte de circunscrever o Nada, “*de girar em torno dele, segundo uma lei diferente da do supereu.*” (p.77-78).⁸

Preservo ainda um desmedido amor pela arte de escrever, compreendendo-a como fruto de atividade de sublimação, por sua vez considerada por Pommier (1990), como “*necessária à existência*” (p. 194). Por este motivo, ter encontrado numa publicação que é da responsabilidade da *Delegação da Paraíba da Escola Brasileira de Psicanálise* uma “produção” de um sujeito que declina da oportunidade de inventar um dito que o funde como autor é algo que não tenho a menor esperança de vir a compreender.

Fico no escuro. Entretanto, é exatamente sem acender a luz que ousou exprimir a metáfora que me ocorreu após cotejar cuidadosamente os dois textos: escrever utilizando-se de modo fraudulento as palavras do outro pode ser comparado ao ato daquele marido da anedota que, não podendo confessar sua impotência à noiva virgem, a mantém iludida utilizando-se de um consolo-de-viúva...

⁶ Não posso, entretanto, ignorar que, para Schneider (1990: 47), no sentido moral a palavra plágio “*designa um comportamento refletido que visa o emprego dos esforços alheios e a apropriação fraudulenta dos resultados intelectuais de seu trabalho.*” Cf. SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

⁷ Fragmento da canção *Amor de índio*, de Beto Guedes e Ronaldo Bastos.

⁸ JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo*. Ética e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

Que maldade de minha parte forjar uma imagem desta! Não a denego. Ao contrário, assumo que, no exercício de enfrentamento com relação a um tipo de procedimento que, desde sempre, não fez sentido para mim, decidi seguir o conselho de Julien (op.cit) que recomenda “fazer-se próximo de sua própria maldade”⁹ como sendo uma ação necessária para quem quer se aproximar de seus semelhantes.

Mesmo tendo aprendido o ditado popular segundo o qual *quanto mais mexe mais fede*, resolvi colaborar, portanto, no reboiço desse angu, apresentando, inicialmente, um cotejamento entre os dois textos, o que passo a fazer no que se segue.

As palavras roubadas

Esclareço de saída: na reprodução do texto de Josefina feita por Roberta, não se trata de uma coincidência de idéias (que poderia, por exemplo, ser explicada através do mecanismo da intertextualidade), nem de restos metonímicos de outros textos (espécie de reminiscência ou de pequenos lapsos e esquecimentos), mas sim, de uma desavergonhada “cópia de palavras”, daquele tipo que costumamos chamar, no jargão universitário de “*copy + paste*”. Para trazer ao menos um exemplo textual, apresento, na seqüência, um excerto dos dois textos:

Último parágrafo do texto de Cruz	Linhas 151 a 160 do texto de Fuentes
<p>Portanto, se a psicanálise reconhece a melancolia como categoria clínica — desde que não seja reduzida a um distúrbio afetivo — a depressão, no singular, simplesmente não existe, já que não obedece a uma só causa nem a um só mecanismo. A diferença estrutural rompe o suposto <i>continuum</i> entre melancolia psicótica e a tristeza na neurose, é a clínica psicanalítica que indica o particular do sujeito na relação ao Outro, refuta também o conceito de uma “depressão neurótica” no singular, já que sua inconsistência se revela nas manifestações depressivas que passam obrigatoriamente pelas “soluções” singulares de cada sujeito frente à castração.</p>	<p>Portanto, se a psicanálise reconhece a melancolia como categoria clínica — desde que não seja reduzida a um distúrbio afetivo —, a depressão, no singular, simplesmente não existe, já que não obedece a uma só causa nem a um só mecanismo. A diferença estrutural rompe o suposto continuum entre melancolia psicótica e a tristeza na neurose, é a clínica psicanalítica que indica o particular do sujeito na relação ao Outro, refuta também o conceito de uma “depressão neurótica” no singular, já que sua inconsistência se revela nas manifestações depressivas que passam obrigatoriamente pelas “soluções” singulares de cada sujeito frente à castração.</p>

Como copiar, lado a lado, os dois textos seria uma solução ilustrativa porém muito pouco econômica, no quadro que se segue, tentei expor de maneira didática, ainda que resumida, as operações que foram realizadas para compor, a partir de um texto original de 272 linhas, o simulacro de novo texto (167 linhas).

⁹ Para formular esta recomendação, Julien parte da seguinte Lacan: “*Nous croyons que Sade n’est pas assez voisin de sa propre méchanceté, pour reconstruire son prochain*”. (p.789). LACAN, Jacques (1962). Kant avec Sade. In: *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966. Pp. 765-790.

TEXTO FONTE	TEXTO CONSOLO-DE-VIÚVA	OPERAÇÃO REALIZADA NA COMPOSIÇÃO DO CONSOLO
<i>Título:</i> A estratégia do analista frente à depressão	<i>Título:</i> Estratégia do analista frente à depressão	Supressão do artigo definido inicial
Linhas 1 a 7: Descrição genérica do modo como a queixa do paciente que se diz deprimido acaba por chegar ao consultório do analista.	Linhas 1 a 8: Cópia ligeiramente alterada da descrição genérica do modo como a queixa do paciente que se diz deprimido acaba por chegar ao consultório do analista.	Inserção do sintagma “ <i>Partirei de uma constatação:</i> ” para iniciar o texto.
Linhas 9 a 18: Descrição genérica do modo como a mídia tem veiculado o fenômeno da depressão, com destaque para a difusão da idéia segundo a qual a psicanálise seria um tratamento inadequado.	Linha 8 à metade da 17: Cópia ligeiramente alterada da descrição genérica do modo como a mídia tem veiculado o fenômeno da depressão, com destaque para a difusão da idéia segundo a qual a psicanálise seria um tratamento inadequado.	Utilização de paráfrase lexical mínima. No lugar de “ <i>o engajamento na busca de um sentido</i> ” (texto original) aparece “ <i>implicação na busca de uma resposta</i> ”.
Linhas 19 a 33: Análise do DSM-IV visando a defender a tese segundo a qual a invenção da droga antecede a história do conceito.	Linhas 27 a 42: Cópia ligeiramente alterada da análise do DSM-IV visando a defender a tese segundo a qual a invenção da droga antecede a história do conceito.	Cruz precede estes dois parágrafos por um que não parece ter sido retirado de Fuentes (linhas 17 a 26). ¹⁰ Após isso, limita-se a fazer poucas alterações muito pequenas. Ex: substituir a palavra “especialistas” por “especializados”.
Linhas 34 a 40: Apresentação de pares de significantes dicotômicos visando a mostrar como, paulatinamente, foi se tornando difícil distinguir alguém deprimido de alguém triste.	Linhas 43 a 48: Cópia ligeiramente alterada da apresentação de pares de significantes dicotômicos visando a mostrar como, paulatinamente, foi se tornando difícil distinguir alguém deprimido de alguém triste.	Cruz resume a última linha deste parágrafo, substituindo-na pela oração “a síndrome devasta qualquer diferença qualitativa”. Como a palavra “síndrome” não havia sido ainda utilizada em seu texto, acaba por piorar o texto original.

¹⁰ Trata-se de uma citação de uma tese defendida por Serge Cottet segundo qual a palavra “depressão” seria um eufemismo para “desencadeamento psicótico”. Referência: COTTET, Serge. Algumas idéias diretivas para um congresso sobre depressão. In: *Opção lacaniana* – 17/1996.

TEXTO FONTE	TEXTO CONSOLO-DE-VIÚVA	OPERAÇÃO REALIZADA NA COMPOSIÇÃO DO CONSOLO
<p>Linhas 41 a 54:</p> <p>Crítica à visada biologizante para explicar a depressão.</p>	<p>X</p>	<p>Supressão deste parágrafo inteiro.</p>
<p>Linhas 55 a 59:</p> <p>Apresentação do ponto de vista da psicanálise com relação à perspectiva exposta no parágrafo precedente.</p>	<p>Linhas 49 a 53:</p> <p>Cópia ligeiramente alterada da apresentação do ponto de vista da psicanálise com relação à perspectiva exposta no parágrafo precedente.</p>	<p>Novamente, utilização de paráfrase lexical mínima.</p>
<p>Linhas 60 a 62:</p> <p>Apresentação do ponto de vista segundo o qual a depressão pode ser reduzida a um falso dito.</p>	<p>Linhas 54 a 62:</p> <p>Cópia ligeiramente alterada da apresentação do ponto de vista segundo o qual a depressão pode ser reduzida a um falso dito, acrescida de uma citação que não aparece no texto original.</p>	<p>Acréscimo de uma citação literal de um excerto de um texto escrito por Alvarenga.¹¹</p>
<p>Linhas 62 a 70:</p> <p>Relato de uma fragmento da prática clínica de Fuentes, no caso, na figura da queixa que lhe foi endereçada pelo paciente A.</p>	<p>Linhas 63 a 70:</p> <p>Cópia ligeiramente alterada do uma fragmento da prática clínica de Fuentes, no caso, na figura da queixa que lhe foi endereçada pelo paciente A.</p>	<p>O parágrafo foi precedido por “Reportome a um caso clínico”, introdução esta que despersonaliza o caso apresentado (poderia ter acontecido com qualquer um). Após isso, limita-se a fazer poucas alterações muito pequenas.</p>
<p>Linhas 71 a 83:</p> <p>Novo relato de um fragmento da prática clínica de Fuentes, desta vez, o de um rapaz de 17 anos, referido como B.</p>	<p>Linhas 71 a 83:</p> <p>Cópia ligeiramente alterada do mesmo relato de um fragmento da prática clínica de Fuentes.</p>	<p>O parágrafo foi precedido por “Percebe-se”. É realizada alteração da idade do rapaz, que passa a ter 22 anos. No mais, todos os detalhes do caso são mantidos idênticos.</p>

¹¹ Trata-se de um excerto do seguinte texto: ALVARENGA, E. A depressão sob transferência. *Opção Lacaniana*. 17/1996.

TEXTO FONTE	TEXTO CONSOLO-DE-VIÚVA	OPERAÇÃO REALIZADA NA COMPOSIÇÃO DO CONSOLO
Linhas 84 a 89: Interrogação a respeito do melhor modo de conceber os fenômenos depressivos.	Linhas 84 a 88: Cópia ligeiramente alterada da interrogação a respeito do melhor modo de conceber os fenômenos depressivos.	Outra vez, são realizadas alterações lexicais muito pequenas.
X	Linhas 89 a 94: Relato da opinião de Serge Cottet sobre a depressão. ¹²	Introdução de novo parágrafo.
Linhas 90 a 103: Recuperação do conceito de depressão na obra de Freud.	Linhas 95 a 105: Cópia ligeiramente alterada da recuperação do conceito de depressão na obra de Freud realizada por Fuentes.	É suprimida a referência a Masson que é feita por Fuentes. Introduzida uma nota de rodapé citando com mais exatidão a localização da afirmação freudiana. ¹³
Linhas 104 a 112: Resenha do seguinte texto escrito por Freud: <i>Luto e Melancolia</i> .	Linhas 106 a 115: Cópia da resenha feita por Fuentes do seguinte texto escrito por Freud: <i>Luto e Melancolia</i> .	Não percebi a realização de alterações neste parágrafo.
Linhas 112 a 119: Resenha do seguinte texto escrito por Freud: <i>Inibição, sintoma e angústia</i> .	Linhas 116 a 123: Cópia da resenha feita por Fuentes do seguinte texto escrito por Freud: <i>Inibição, sintoma e angústia</i> .	Não percebi a realização de alterações neste parágrafo.
Linhas 120 a 128: Exposição da tese de Lacan segundo a qual existe uma “dor de existir” no “império da linguagem”.	Linhas 124 a 135: Paráfrase do parágrafo de Fuentes que mantém a mesma linha argumentativa, agora apelando para o argumento de autoridade na qual consiste a inserção de nome de autor.	A principal alteração é a inserção de referência mais explícita a um texto de Lacan. ¹⁴

¹² Cf. COTTET, Serge. Algumas idéias diretivas para um congresso sobre depressão. In: *Opção Lacaniana*. 17/1996.

¹³ No caso, trata-se de FREUD, S. Um caso de cura hipnótica – ESB.

¹⁴ No caso, trata-se de LACAN, J. Televisão. ZHR – Editor.

TEXTO FONTE	TEXTO CONSOLO-DE-VIÚVA	OPERAÇÃO REALIZADA NA COMPOSIÇÃO DO CONSOLO
Linhas 129 a 145: Comentário a respeito da posição neurótica de “não querer saber”.	Linhas 136 a 151: Cópia ligeiramente alterada do comentário feito por Fuentes a respeito da posição neurótica de “não querer saber”.	A principal alteração é a exclusão da referência mais explícita ao texto de Lacan, uma vez que ela já havia sido feita no parágrafo precedente.
Linhas 146 a 150: Comentário a respeito da tese de Cottet segundo a qual nem toda tristeza é covardia moral.	Linhas 152 a 157: Cópia ligeiramente alterada do comentário feito por Fuentes do comentário a respeito da tese de Cottet segundo a qual nem toda tristeza é covardia moral.	Inserção da expressão “ <i>Podemos perguntar:</i> ” para introduzir o parágrafo. Não pude perceber a realização de demais alterações.
Linhas 151 a 160: Exposição da idéia segundo a qual a psicanálise, embora reconheça a melancolia como categoria clínica, refuta o conceito de “depressão neurótica”.	Linhas 158 a 167: Cópia da exposição da idéia segundo a qual a psicanálise, embora reconheça a melancolia como categoria clínica, refuta o conceito de “depressão neurótica”.	Não percebi a realização de alterações neste parágrafo.
Linhas 161 a 254: Novos relatos de fragmentos da prática clínica de Fuentes, quais sejam: <i>Caso C.</i> , mulher 27 anos. <i>Caso D.</i> , mulher, 22 anos. <i>Caso E.</i> , mulher, estudante universitária.	X	Supressão de todos os parágrafos nos quais constam os exemplos clínicos.
Linhas 161 a 254: Apresentação de uma conclusão que se assenta nos exemplos clínicos que foram previamente apresentados: a de que é necessário considerar a singularidade na condução de uma análise.	X	Supressão do parágrafo que conclui o texto.

Ao terminar a leitura do quadro acima, espero que o leitor tenha sido capaz de perceber que, de modo algum, o nível de coincidência entre o texto de 2000 e o de 2004 pode ser atribuída a uma propriedade constitutiva da linguagem que é a de não ter dono. Indubitavelmente, tratou-se de reprodução deliberada e consciente por parte de quem a praticou,

sendo impossível isentar Roberta — permitindo-me aqui um pequeno trocadilho — do fato de não ter se responsabilizado por carregar a própria Cruz. Não se conformando com o fato de ser uma anônima que nada tem a dizer, e pouco disposta a percorrer o caminho que, quiçá, teria permitido que ela pudesse construir um percurso enunciativo próprio, ela utiliza-se do modo mais fácil de fazer-se falo: sustentar uma simulação de autoria que, em parte alguma, encontra seu fundamento.

Infelizmente, a moça não configura um caso isolado...

É importante revelar, neste momento, que não escrevi este texto sozinha. Ao longo de minha lida, predominantemente braçal, senti-me bem acompanhada pelas quinhentas e três páginas que, em meados da década de oitenta, os “*Voleurs de mots*”¹⁵ convocaram o psicanalista e escritor francês Michel Schneider¹⁶ a, em suas palavras, escrever por andar às voltas com os sofrimentos que três substantivos podem causar: prioridade, autoridade, propriedade (p.16).

Naquela época, o francês afirmou: “(...) *fala-se pouco do plágio, e escreve-se ainda menos. Admitindo que se trate de problema menor, é já de interesse do psicanalista o fato de que o problema seja cuidadosamente escondido ou evitado.*” (p.25). Vinte anos depois, há legiões de interessados no assunto!¹⁷ No instante inicial de perplexidade com o roubo de palavras com o qual me deparei, visando a me oferecer o conforto de algum parâmetro, usando o *google* encontrei **226.000** páginas em português sobre plágio em apenas onze segundos.

Aprendi muito lendo algumas destas páginas. Por exemplo, descobri que “*A origem etimológica da palavra ilustra o conceito que ela carrega: vem do grego (através do latim) 'plagios', que significa 'trapaceiro', 'obliquo'*”.¹⁸ Descobri, também, a existência de organizações que se propõem a encontrar dispositivos para desenvolver *softwares* visando a deter o plágio eletrônico,¹⁹ bem como o endereço de organismos não governamentais que se propõe a divulgar as notícias mais recentes sobre a realização de plágio.²⁰

¹⁵ Como uma forma de homenagem ao autor, utilizo-me, aqui, do título original da obra de Schneider (op. cit).

¹⁶ Autor de extensa obra, foi diretor da música e da dança no Ministério da Cultura da França.

¹⁷ Seguem dois exemplos: em 1996, a Universidade de Oxford divulgou os resultados da realização de uma pesquisa sobre a existência de plágio entre seus alunos intitulada “Oxford alerta para aumento de plágio entre alunos”. Ela foi publicada no jornal *Estadão Online* (<http://www.estadao.com.br/educacao/noticias/2006/mar/14/238.htm>). No mesmo ano, em nosso país, Liliane CHRISTOFF defendeu, na Unicamp, uma tese de doutoramento intitulada *Intertextualidade e plágio*. Questões de linguagem e autoria.

¹⁸ Cf. <http://www.microbiologia.vet.br/Plagio.htm>

¹⁹ Eles estão disponíveis no seguinte endereço: <http://www.plagiarism.com/>

²⁰ Refiro-me ao grupo “*Plagiarism.org*”, que pode ser encontrado no endereço: <http://www.plagiarism.org/>.

Ou seja: frente ao que tem sido apontado como sendo um crescimento desmedido do ato de plagiar, a sociedade está reagindo através da construção de dispositivos de controle que, se, por um lado, podem fornecer o falso consolo de servir como um lugar para o exercício de um acerto de contas entre plagiado e plagiador, por outro, não parecem estar funcionando como uma solução que possa minimizar o advento do que Schneider qualifica como “o plágio em sentido estrito”: *“uma espécie de passagem à ação, de agir perverso que manipula elementos simbólicos para fins de sedução imaginária”* (p.355).

A este propósito, aliás, retomando o trabalho de Lacan, Czermak²¹ nos relembra que a vida social está repleta de exemplos concretos de sujeitos que se julgam no direito de gozar do corpo do outro, sem se deter nem diante de sua falta de autorização nem diante das eventuais coações sociais que existam para tentar coibir este tipo de ato. Se o texto que um autor escreve pode ser considerado, de certo modo, como uma metáfora de seu corpo,²² apropriar-se dele sem pagar o tributo de prestar as devidas homenagens a quem trabalhou para compô-lo é ato análogo ao de quem, nas palavras de Czermak, tenta fazer de seu desejo a lei a partir da constatação de que não há garantia final.

Feita esta asserção, interessa-me, neste momento, recuperar os efeitos do plágio sobre quem o pratica e é sua vítima. Recorrendo ainda à obra de Schneider, pontuarei o que ele chama de “dor de perder”, descrita por como se segue:

Aquele que é vítima de um plágio é deixado, propriamente, fora de si. O plágio produz o efeito do desapossar, tanto no agente quanto na vítima, no agente, talvez, mais ainda que na vítima. Quem nele se enreda prova uma espécie de de-realização e despersonalização que é preciso remeter a seu nó essencial: a dor narcísica de perder, de ser separado daquilo com que um nome pode reatar. A ancoragem narcísica ao próprio corpo é atingida pelo outro que lhe toma seu produto e cala sua produção. (p.293)

Retomando o excerto do texto de Forbes que escolhi como epígrafe deste texto (e fazendo um paralelo entre ele e o excerto que acabo de citar), penso poder afirmar que o sujeito que copia fraudulentamente as palavras escritas por outrem e as apresenta como se fossem suas age como o faz o perverso que, não podendo tolerar a existência da castração, a oculta com um simulacro qualquer, no caso, por meio da apresentação pública de um texto roubado de uma

²¹ CZERMAK, Marcel. Notas sobre as perversões em sua relação com a vida dos grupos. In: *Paixões do Objeto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. Pp. 51-63.

²² A hipótese segundo a qual o texto pode ser tomado como sendo metáfora do corpo foi desenvolvido na seguinte obra: CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis : Vozes, 1990.

colega.²³ Impossibilitada de construir um estilo, já que não consegue “pôr de si”, Cruz encena, publicamente, o que Forbes qualifica como sendo o “teatro íntimo do narcisismo”.

A difícil escolha entre encarnar um simulacro de autor e construir um estilo

O estilo, como o luto, não se transmite. É preciso passar por ele. Sozinho, consigo mesmo, em pessoa.

(Schneider, op.cit. : 439)

No momento de terminar este texto, um pequeno apontamento sobre o advento do novo fez-se imperativo. Em trabalhos anteriores,²⁴ — através da análise de exemplos colhidos em contextos de conversas informais entre crianças e adultos — creio ter podido demonstrar que, invariavelmente, o advento de um sentido tão inesperado a ponto de constituir numa novidade se dá precedido por uma quebra do fluxo frasal.

Portanto, o elemento que abre um espaço de interpretação singular é a derrocada do signo lingüístico, uma vez que esta introduz uma parcela de *non-sens* no que ilusoriamente se configura como uma superfície languageira homogênea. Não prescindindo da palavra do Outro, aquele que assume a impossibilidade de seu sentido pleno não a toma como objeto de fetiche e, sem culpa, utiliza-se criativamente do furo que nela há.

Pode-se dizer, portanto, que o talento para a criação e a irreverência aos cânones de todo tipo são características que costumam andar em par. Este raciocínio é coerente com o de Schneider que, ao comentar o trabalho de grandes escritores, afirma:

Os grandes inovadores foram amiúde aqueles que mais leram. Dante, Joyce. Mas leram com erros, interpretações errôneas, passaram ao largo, pelo avesso, leram distinguindo progressivamente um espaço literário adequado ao próprio estilo e à própria imaginação. (p.390).

²³ É importante ressaltar, neste momento, que não se trata aqui da irresponsabilidade de uma tentativa de fazer um pseudo-diagnóstico da estrutura clínica de um sujeito a quem nunca vi. Longe de mim semelhante engano. Trata-se, ao contrário, de qualificar um modo de agir bastante localizado.

²⁴ Refiro-me aos seguintes trabalhos: RIOLFI, C. R. Erro de leitura ou equívoco constitutivo (de sujeito)? A singularidade na fala de uma criança. In: LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal.. (Org.). *Leitura, Múltiplos Olhares*. Campinas: 2005, v. 1, p. 219-233 e RIOLFI, C. R. Criando o novo com as mesmas velhas palavras. Texto a ser publicado nos *Anais do V Coloquio LEPSI* (no site *Scielo proceedings*), realizado em 2005.

Ou seja, o autor mostra que se autorizar a inventar algo através da palavra demanda um duplo movimento de destruição da palavra do Outro e da sua posterior reconstrução subjetiva. É este movimento aquilo que, segundo o autor, torna legítima a reivindicação da propriedade de uma obra, já que as palavras, como todos sabem, não pertencem a ninguém.

Aquele que copia a obra do outro e as oferta como se fossem suas — ao fabricar o que venho jocosamente chamando de texto-consolo-de-viúva — abre mão de construir sua identidade durante o ato de escrever e a substitui por um exótico personagem que é uma espécie de avesso do travesti.

Enquanto este oculta a existência do seu pênis por intermédio da utilização da mascarada feminina, o ladrão da obra alheia, em especial quando se trata de uma mulher, ignora sua condição corporal e, eximindo-se do trabalho necessário para inventar e sustentar um estilo, dá a ver uma potência que, ao menos durante o ato do roubo, está muito longe de ter. O lamento sinceramente.

Triste substitutivo de um falo inexistente, o texto publicado em *Falasser* está muito longe de testemunhar publicamente a existência do corpo do sujeito que o assinou. Limitando-se a ser uma cópia vulgar da produção de um terceiro, ele mostra a inexistência dos efeitos das ressonâncias do dizer²⁵ no fazer de um sujeito impotente para lidar com as próprias palavras.

No início deste trabalho, afirmei que se tratou de uma grande surpresa ter encontrado este tipo de procedimento numa publicação que é de responsabilidade de uma delegação da *Escola Brasileira de Psicanálise*; ainda mais porque o texto original circulou em um dispositivo da própria escola. Afirmei, também, que gostaria de manter ao menos uma parcela do ideal desde o qual enxergo os parceiros de psicanálise.

Por este motivo, interrogo: não caberia a uma instituição que não quer se constituir como mais um dos aparatos sociais onde a perversão vem se tornando a regra, dar uma resposta a altura a este tipo de ocorrido? Analogamente, uma revista que tem o nome sugestivo de *Falasser* não mereceria um maior carinho por parte de seus responsáveis no que tange aos aspectos éticos suscitados pelos textos nela publicados?

Não tenho as respostas para minhas próprias questões, mas ter escrito este texto que foi gerado por meu desconforto com relação aos “ladrões de obras” me deixou plena de perguntas. Para concluir este trabalho, deixo uma delas aqui indicada: o que dizer sobre a modalidade da pulsão por parte de um sujeito que se limita a imitar sua sublimação ao invés de ousar autorizar-se a este luxo?

²⁵ LACAN, Jacques. *Le Séminaire*. Livre XXIII. Le sinthome. Paris : Éditions du Seuil, 2005.